

Exmo Sr. Presidente,

Exmas. Autoridades.

Senhoras e Senhores.

Senhores Acadêmicos.

Estamos no dia exato do combate que foi o batismo sangrento entre irmãos brasileiros, até aqui evitado como se as tropas, de lado a lado, não quizessem combater manchando de rubro o solo pátrio.

Campinas que marcou desde o seu primeiro morador Francisco Barreto Leme, aqui estabelecido em 1741, e então seguido por outros moradores atraídos pelas terras exuberantes da região, teve rápido desenvolvimento, vivendo de modestos sitiantes, os próprios trabalhadores com suas famílias e alguns mais abonados com colaboração de poucos escravos, que abasteciam seus lares, produzindo para o próprio sustento. As terras eram tomadas por posse, o que o próprio governo português permitia e acoroçoava para povoar sua colônia, até a última década do setecentismo, quando irmãos do nosso primeiro vigário, Frei Antônio de Pádua Teixeira, o primeiro entusiasta e propagador da excelência

de terras de Campinas, haviam vindo de Baependi com seus pais e irmãos abastados todos-filha, genro e netos de mineradores de ouro.

Fundaram, com o ituano Antonio Ferraz de Campos, na década de 1790, os três primeiros engenhos de açúcar de Campinas, seguidos, já no século seguinte, por outros abastados que passaram a multiplicar seus haveres com a nova atividade.

Aos 16 de novembro de 1797, baixou o Capitão General de São Paulo, a portaria que elevou o distrito, ou freguesia de Campinas, à vila de São Carlos, vindo à nossa vila o ouvidor geral Dr. Caetano Luís de Barros Monteiro para promover a ereção da vila com o levantamento do pelourinho, a demarcação do rocio, a fixação de limites ou termo do novo município, a presidir a primeira eleição de juizes e vereadores, "com outorga de sua plena autonomia, presentes "clero, nobreza e povo"; fez-se a ereção, levantou-se o pelourinho e demarcou-se o paço em 14 de dezembro.

Ao alvorecer do século vinte, em sua primeira década quando meu pai, campineiro nato, pelos seus antepassados em Campinas desde o ano da fundação do povoado em 1774, mas que fora mandado para Santos a fazer carreira no comércio de café, eu, ainda no colo de minha mãe, vinha a esta cidade em visita a muitos parentes, fazendeiros partícipes da produção cafeeira, então a maior riqueza da exportação do país. E já na fase do meu "jardim da infância", repetia habitualmente o passeio, visitando parentes e ouvindo curioso o relato de saudades dos mais velhos e beber-lhes as memórias como ignorante, mas, de futuro, apaixonado no assunto histórico. Então, contavam-me as grandezas de um passado brilhante, cujas datas eu as conheceria com o passar do tempo.

Assim, ainda menino, ouvia de filhos de participantes da revolução de 1842, externando dolorosas impressões paternas das testemunhas do horrível massacre de prisioneiros feridos que jaziam em leitos no hospital de sangue improvisado no sobrado desabitado do Engenho da Lagoa.

Este sobrado se achava em inventário "mortis causa", pelo falecimento de seu último proprietário, o Major Teodoro Ferraz

Leite, duas vezes viúvo. Foi então aproveitado para sede da tropa revoltosa, do Partido Liberal, na ocasião, sob a chefia de Antonio Manuel Teixeira e Reginaldo Antônio de Moraes Sales.

Na capital do Estado, preparavam-se os liberais com astúcia e segurança, divididos em "grupos de invisíveis", elementos que recebiam instrução apropriada e pelos quais se distribuiria armamento, clavinotes próprios de guerra. Estes grupos de invisíveis eram dirigidos por chefes, como tais só conhecidos pelos seus subordinados. A ação deles seria pronta e inesperada, visando a deposição do presidente Costa Carvalho e aclamação de Tobias de Aguiar para substituí-lo, dominando toda a província.

Viriam reforços de outros Estados, como de Minas e Paraná. Estes últimos, porém, logo debandaram por entendimentos com os conservadores e mediante a garantia de ser a Comarca de Curitiba e vasto território anexo, elevados à uma nova província desligada de S. Paulo.

Mas os projetos de sublevados chegaram ao conhecimento do presidente Costa Carvalho que, de pronto, apelou para o chefe do ministério conservador tomando-se a providência de nomear, para pacificar São Paulo, o Barão de Caxias, glorioso e recente pacificador do Rio Grande do Sul, considerado um militar de capacidade invencível.

Sem dispor de tropa suficiente, Caxias aplicou sua estratégia antes de sair do Rio de Janeiro, fazendo anunciar em São Paulo que dispunha de abundante elemento militar; entretanto viajando com falta de homens para a capitania paulista onde guarneceu a margem direita do rio Pinheiros, aqui confirmou os boatos que enviara do Rio, convidando o comandante da força revolucionária da margem esquerda do mesmo rio, para depor as armas pois a ele não comunicava o poderoso numero de soldados a seu comando, porque o inimigo não iria acreditar na informação. E o inimigo na margem esquerda do rio, deixou de atacar as tropas governistas para evitar um derramamento inútil de sangue, crendo verdadeira a afirmativa de Caxias.

Em Campinas, com a presidência da província ocupada pelo conservador Costa Carvalho, elegeu-se nova Câmara, agora composta só de seus correligionários, obrigando os liberais revolucionários a se acantonarem fora da cidade onde cresciam em numero, buscando elementos voluntários em visinhas cidades ainda dominadas pelos liberais.

Para a situação precária da cidade sem tropas, mandou Caxias um contingente sob o comando do Tenente Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, distinto e habil oficial que chegou a Campinas no ocaso do dia 6 de junho e já no dia 7 pela manhã se dispôs ao ataque em duas frentes: pelo engenho do Chapadão, com cavalaria, para ludibriar os revoltosos no visinho engenho da Lagoa, e pelo sítio do presidente da província na estrada de Piracicaba para um ataque da infantaria com armas modernas e de maior alcance, superior ao armamento de caçadores rebeldes.

Chegando a sede do engenho Chapadão, a cavalaria tratou de vasculhar toda a sede numa bem pensada medida de segurança. A sede já havia sido deixada pela família do proprietário e ficou entregue a uma escrava de confiança e conhecida pelos brancos como "Mamã Caetana" que recebeu a tropa com atenção e obsequios.

Mamã Caetana era uma escrava de confiança e recebera a incumbência de gerir a casa dos senhores do engenho. Bondosa, de trato delicado e tratada com estima, tornou-se governante excelente, indispensável, com uma intimidade e estima de segunda mãe. E ao ter aviso da chegada ao engenho de tropa do exército imperial, fez subir para o forro da casa o grupo grande de moços parentes e seus amigos, armados e municados para os eventos de guerra.

A tropa vasculhou tudo, toda a casa e interpelou a Mamã se havia alguém no forro ao que ela respondeu afirmativamente surpreendendo os militares até o esclarecimento: "havia ratos e gambás" provocando hilaridade e a indiferença dos militares que já confiavam naquela tão leal e atenciosa informante.

E ela era uma escrava!

A cavalaria imperial provocou, ali do engenho do Chapadão, os revolucionários do engenho da Lagoa, vizinhos para o lado do nascente, todos desprevenidos pois ainda não sabiam da chegada do exército imperial; a maior parte dos revoltosos se achava ausente, por terras vizinhas, pescando caçando, a espera de reforço que viria de Piracicaba trazido por Moraes Sales.

Ao alarme, na eminência de um ataque, prepararam e acionaram sua pobre artilharia, dois canhõesinhos de projétil esférico, sem explosivos, que chegou a atingir e matar um cavalo. Mas a surpresa para os revoltosos estava no seguinte ataque pelo flanco, de fuzilaria com maior alcance que as armas de caça dos liberais.

Com defesa ineficiente, morte de uns e fugas de outros convencidos de uma impossível resistência, fácil foi o domínio do Tte Coronel Bezerra.

A sede do engenho da Lagoa, inabitada pela morte do proprietário, achava-se em processo de inventário, mas inteira e luxuosamente mobiliada, foi saqueada e transformada em hospital de sangue servindo para acomodação dos feridos enquanto os demais eram prêso, especialmente os revoltosos oficiais reformados do Exército que anoitecendo eram levados para Campinas sob o comando de Amorim Bezerra, deixando o engenho entregue à força paulista, os assalariados do Padre Ramalho. Estes covardemente e durante a noite, assassinaram os feridos em seus leitos de hospital. E eles mesmos os sepultaram em vala comum à frente do sobrado, procurando ocultar sua covardia.

Mas não ficou nisto a sanha dos aventureiros assalariados: passaram a procurar revoltosos nos esconderijos próximos, assassinando um menino empregado da "Venda Grande" que lhes implorava que o deixassem viver, e, já próximo à cidade, um ferido que fugira, caído na calçada, sem forças e carente de socorro.

O levante de 1842 havia sido preparado sabiamente na Capital da província: já existiam os blocos dos invisíveis, com seus respectivos chefes; para eles houve distribuição de clavinotes e munição, tudo em segredo para uma ação de surpresa na própria capital que poria a perder o governo do baiano José da Costa Carvalho, barão de Monte A-

legre, e com o reforço de tropas da Comarca de Curitiba e de Campinas sob o comando do oficial reformado de exército Capitão Francisco Teixeira Nogueira;

Mas o Tte Coronel Bezerra permaneceu por dias em Campinas que se livrou da tropa assalariada para chorar os assassinados, o que enlutou de tal forma a população que familiarizou os dois partidos políticos unindo-os na ocultação de revolucionários.

Caxias vitorioso reuniu sua tropa, para a volta ao Rio de Janeiro, levando revoltosos que eram militares reformados, para julgamento na capital do Império.

Os presos no Rio de Janeiro juntos em uma só prisão, jogavam baralho para passar o tempo quando alertados de que uma comissão estava para chegar trazendo o resultado do julgamento, prepararam-se para ouvi-la. A sentença que foi lida era integral sentença de morte, cuja leitura feita e, terminada, o Capitão Francisco Teixeira Nogueira tomou a palavra e disse ao detentor do baralho: "de cartas".

Estaria ele tão seguro da bondade de Dom Pedro II que, habitualmente comutava a pena de morte?

Entretanto, permanecia o mistério da autoria do massacre; qual a tropa autora desta barbaridade?

Com defesa ineficiente, e com morte de uns e fugas de outros convencidos de uma impossível resistência, fácil foi dominar os revolucionários.

A sede do Engenho da Lagoa, inabitada, morto o proprietário já então duas vezes viuvo, achava-se sob processo de inventário, mas inteira e luxuosamente mobiliada, foi transformada em hospital de sangue.

Eu havia sido o orador ao inaugurar-se o monumento comemorativo da efeméride de Venda Grande. Ela foi promovida pelo Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, ao qual pertencço. Vi-me então em aperto, e como descendente de liberais revolucionários não iria condena-los. Não poderia julgar a autoria do massacre ainda conservado em segredo.

Só me restava a descrição da antiga vida do engenho, de sua montagem, de seu sobrado com moveis, objetos de uso e adorno, guarda-roupas, tudo encontrado em processo de inventário e referências ao casal proprietário do qual a esposa, era em sua época considerada a mulher mais gorda e mais bonita de Campinas. Dos ouvintes ouvi as senhoras em suas críticas que aplaudiram a beleza da proprietária avisando que não me perdoariam se eu a fizesse feia, esquecendo elas que eu escrevia história.

Não poderia eu admitir que a autoria do massacre coubesse à tropa de Caxias. Mas porque o mistério? Porque Ricardo não revelou? porque Augusto Emílio Zaluar, em sua obra "Peregrinação Pela Província de São Paulo" (1860-1861), página 157, referindo-se ao massacre disse: "As legendas desse dia funesto correm no entanto na boca do povo com toda a mágoa de uma tradição fraticida. Não serei eu quem levante a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena. Deixo a outros mais competentes historiar um fato que não deve no entanto ficar no esquecimento, pois terá dupla vantagem de servir de exemplo a uns e de remorso a outros".

Não podia eu admitir que a culpa coubesse à tropa de Caxias. Mas onde a prova? Então tomei a resolução de esclarecer o mistério o que foi fácil:

A convicção religiosa, católica era então absoluta, embora nem sempre bem cumprida. Mas os seus ministros, os padres gozaram de uma especial consideração que chegava ao exagero de não serem criticados até em suas fraquezas, porque, naquilo de sagrado que eles retinham, sempre exigia respeito. A tropa fraticida era a tropa mercenária do Padre Ramalho poderoso chefe político conservador que errou não comparecendo a Campinas onde seus mercenários cometeram outros excessos.

Mas, uma prova robusta foi encontrar o relato de que após o combate, já com a escuridão da noite, o Tte Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, reuniu sua tropa e seus prisioneiros deixando Venda Grande, vindo passar a noite em Campinas.

O choque do extermínio de Venda Grande foi geral e desanimador para os liberais que se sentiram vencidos procurando homiziar-se em locais diversos, dominados pelo Barão de Caxias que penetrou em cidades de poder liberal sem sofrer qualquer impecilho.

Mas o Visconde de Indaiatuba não se esqueceu dos seus companheiros assassinados em Venda Grande: Tempos passados, voltou ao Engenho da Lagoa, abriu a cova do sepultamento, recolheu seus ossos levando-os para o cemitério de Campinas a fim de que perma necessessem em cemitério bento, nos hábitos cristãos.

.....

Em 1846, o Imperador Dom Pedro II visitava a província; a Campinas chegou a noite de 26 de fevereiro permanecendo até a manhã do dia 30. Quando chegou já trazia assinado e publicado em São Paulo, o decreto concedendo a ordem da Rosa a Antônio Manuel Teixeira, o primeiro campinense a receber distinção honorífica, e ex chefe da revolução de 1842. Depois que partiu, distinguiu com a Ordem de Cristo, o juiz Dr. Francisco de Assis Pupo e o Alferes Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme; e com a Ordem da Rosa, agraciou Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, Joaquim Bonifácio do Amaral (mais tarde Visconde de Indaiatuba) e o Dr. Theodoro Langaard, todos liberais

(Palestra de Celso Maria de Mello Pupo na Academia Campinense de Letras aos 7 de junho de 1992, sesquicentário do combate de Venda Grande)

Designado pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, aqui estou no dia do sesquicentenário do combate de Venda Grande, para a missão que recebi, não com as credenciais de oradores que me antecederam nestas comemorações, pois nos meus quase noventa e três anos de idade, não posso mais pretender forças para novas pesquisas como as que já executei e que me foram necessárias para a redação de livros que publiquei, um, o primeiro, dando a Campinas sua história urbana sequente, desde a pré-história até o final do século passado, e outro, nos mesmos moldes, da história rural, enquanto valorosos historiadores de nossa cidade não passaram da história fragmentada, jornalística, valiosa mas sem a abrangência de um período maior, vasto e marcante.

Falo-vos, portanto como o nonagenário que ainda pode relembrar fatos isolados que reúnem a história e a tradição decoradora de que dispunham os moços do meu tempo, dos velhos tempos mais remotos, tão preciosos para a mocidade ainda ávida dos conhecimentos.

Estamos no dia exato do combate que foi o batismo sangrento entre irmãos brasileiros, até aqui evitado como se as tropas, de lado a lado, não quizessem combater manchando de rubro o solo pátrio.

Campinas que marcou desde o seu primeiro morador Francisco Barreto Leme, aqui estabelecido em 1741, e então seguido por outros moradores atraídos pelas terras exuberantes da região, teve rápido desenvolvimento, vivendo de modestos sitiantes, os próprios trabalhadores com suas famílias e alguns mais abonados com colaboração de poucos escravos, que abasteciam seus lares, produzindo para o próprio sustento. As terras eram tomadas por posse, o que o próprio governo português permitia e acoroçoava para povoar sua colônia, até a última década do setecentismo, quando irmãos do nosso primeiro vigário, Frei Antônio de Pádua Teixeira, o primeiro entusiasta e propagador da excelência

de terras de Campinas, haviam vindo de Baependi com seus pais e irmãos abastados todos-filha, genro e netos de mineradora de ouro.

Fundaram, com o ituano Antonio Ferraz de Campos, na década de 1790, os três primeiros engenhos de açúcar de Campinas, seguidos, já no século seguinte, por outros abastados que passaram a multiplicar seus haveres com a nova atividade.

Aos 16 de novembro de 1797, baixou o Capitão General de São Paulo, a portaria que elevou o distrito, ou freguesia de Campinas, à vila de São Carlos, vindo à nossa vila o ouvidor geral Dr. Caetano Luís de Barros Monteiro para promover a ereção da vila com o levantamento do pelourinho, a demarcação do rocio, a fixação de limites ou termo do novo município, a presidir a primeira eleição de juizes e vereadores, "com outorga de sua plena autonomia, presentes "clero, nobreza e povo"; fez-se a ereção, levantou-se o pelourinho e demarcou-se o paço em 14 de dezembro.

Ao alvorecer do século vinte, em sua primeira década quando meu pai, campineiro nato, pelos seus antepassados em Campinas desde o ano da fundação do povoado em 1774, mas que fora mandado para Santos a fazer carreira no comércio de café, eu, ainda no colo de minha mãe, vinha a esta cidade em visita a muitos parentes, fazendeiros partícipes da produção cafeeira, então a maior riqueza da exportação do país. E já na fase do meu "jardim da infância", repetia habitualmente o passeio, visitando parentes e ouvindo curioso o relato de saudades dos mais velhos e beber-lhes as memórias como ignorante, mas, de futuro, apaixonado no assunto histórico. Então, contavam-me as grandezas de um passado brilhante, cujas datas eu as conheceria com o passar do tempo.

Assim, ainda menino, ouvia de filhos de participantes da revolução de 1842, externando dolorosas impressões paternas das testemunhas do horrível massacre de prisioneiros feridos que jaziam em leitos no hospital de sangue improvisado no sobrado desabitado do Engenho da Lagoa.

Este sobrado se achava em inventário "mortis causa", pelo falecimento de seu último proprietário, o Major Teodoro Ferraz

Leite, duas vezes viúvo. Foi então aproveitado para sede da tropa revoltosa, do Partido Liberal, na ocasião, sob a chefia de Antonio Manuel Teixeira e Reginaldo Antônio de Moraes Sales.

Na capital do Estado, preparavam-se os liberais com astúcia e segurança, divididos em "grupos de invisíveis", elementos que recebiam instrução apropriada e pelos quais se distribuía armamento, clavinotes próprios de guerra. Estes grupos de invisíveis eram dirigidos por chefes, como tais só conhecidos pelos seus subordinados. A ação deles seria pronta e inesperada, visando a deposição do presidente Costa Carvalho e aclamação de Tobias de Aguiar para substituí-lo, dominando toda a província.

Viriam reforços de outros Estados, como de Minas e Paraná. Estes últimos, porém, logo debandaram por entendimentos com os conservadores e mediante a garantia de ser a Comarca de Curitiba e vasto território anexo, elevados à uma nova província desligada de S. Paulo.

Mas os projetos de sublevados chegaram ao conhecimento do presidente Costa Carvalho que, de pronto, apelou para o chefe do ministério conservador tomando-se a providência de nomear, para pacificar São Paulo, o Barão de Caxias, glorioso e recente pacificador do Rio Grande do Sul, considerado um militar de capacidade invencível.

Sem dispor de tropa suficiente, Caxias aplicou sua estratégia antes de sair do Rio de Janeiro, fazendo anunciar em São Paulo que dispunha de abundante elemento militar; entretanto viajando com falta de homens para a capitania paulista onde guarneceu a margem direita do rio Pinheiros, aqui confirmou os boatos que enviara do Rio, convidando o comandante da força revolucionária da margem esquerda do mesmo rio, para depor as armas pois a ele não comunicava o poderoso numero de soldados a seu comando, porque o inimigo não iria acreditar na informação. E o inimigo na margem esquerda do rio, deixou de atacar as tropas governistas para evitar um derramamento inútil de sangue, crendo verdadeira a afirmativa de Caxias.

Em Campinas, com a presidência da província ocupada pelo conservador Costa Carvalho, elegeu-se nova Câmara, agora composta só de seus correligionários, obrigando os liberais revolucionários a se acantonarem fora da cidade onde cresciam em numero, buscando elementos voluntários em vizinhas cidades ainda dominadas pelos liberais.

Para a situação precária da cidade sem tropas, mandou Caxias um contingente sob o comando do Tenente Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, distinto e habil oficial que chegou a Campinas no ocaso do dia 6 de junho e já no dia 7 pela manhã se dispôs ao ataque em duas frentes: pelo engenho do Chapadão, com cavalaria, para ludibriar os revoltosos no visinho engenho da Lagoa, e pelo sítio do presidente da província na estrada de Piracicaba para um ataque da infantaria com armas modernas e de maior alcance, superior ao armamento de caçadores rebeldes.

Chegando a sede do engenho Chapadão, a cavalaria tratou de vasculhar toda a sede numa bem pensada medida de segurança. A sede já havia sido deixada pela família do proprietário e ficara entregue a uma escrava de confiança e conhecida pelos brancos como "Mamã Caetana" que recebeu a tropa com atenção e obsequios.

Mamã Caetana era uma escrava de confiança e recebera a incumbência de gerir a casa dos senhores do engenho. Bondosa, de trato delicado e tratada com estima, tornou-se governante excelente, indispensável, com uma intimidade e estima de segunda mãe. E ao ter aviso da chegada ao engenho de tropa do exército imperial, fez subir para o forro da casa o grupo grande de moços parentes e seus amigos, armados e municados para os eventos de guerra.

A tropa vasculhou tudo, toda a casa e interpelou a Mamã se havia alguém no forro ao que ela respondeu afirmativamente surpreendendo os militares até o esclarecimento: "havia ratos e gambás" provocando hilariedade e a indiferença dos militares que já confiavam naquela tão leal e atenciosa informante.

E ela era uma escrava!

A cavalaria imperial provocou, ali do engenho do Chapadão, os revolucionários do engenho da Lagoa, vizinhos para o lado do nascente, todos desprevenidos pois ainda não sabiam da chegada do exército imperial; a maior parte dos revoltosos se achava ausente, por terras vizinhas, pescando caçando, a espera de reforço que viria de Piracicaba trazido por Moraes Sales.

Ao alarme, na eminência de um ataque, prepararam e acionaram sua pobre artilharia, dois canhõesinhos de projétil esférico, sem explosivos, que chegou a atingir e matar um cavalo. Mas a surpresa para os revoltosos estava no seguinte ataque pelo flanco, de fuzilaria com maior alcance que as armas de caça dos liberais.

Com defesa ineficiente, morte de uns e fugas de outros convencidos de uma impossível resistência, fácil foi o domínio do Tte Coronel Bezerra.

A sede do engenho da Lagoa, inabitada pela morte do proprietário, achava-se em processo de inventário, mas inteira e luxuosamente mobiliada, foi saqueada e transformada em hospital de sangue servindo para acomodação dos feridos enquanto os demais eram prêso, especialmente os revoltosos oficiais reformados do Exército que anoitecendo eram levados para Campinas sob o comando de Amorim Bezerra, deixando o engenho entregue à força paulista, os assalariados do Padre Ramalho. Estes covardemente e durante a noite, assassinaram os feridos em seus leitos de hospital. E eles mesmos os sepultaram em vala comum à frente do sobrado, procurando ocultar sua covardia.

Mas não ficou nisto a sanha dos aventureiros assalariados: passaram a procurar revoltosos nos esconderijos próximos, assassinando um menino empregado da "Venda Grande" que lhes implorava que o deixassem viver, e, já próximo à cidade, um ferido que fugira, caído na calçada, sem forças e carente de socorro.

O levante de 1842 havia sido preparado sabiamente na Capital da província: já existiam os blocos dos invisíveis, com seus respectivos chefes; para eles houve distribuição de clavinotes e munição, tudo em segredo para uma ação de surpresa na própria capital que poria a perder o governo do baiano José da Costa Carvalho, barão de Monte A-

legre, e com o reforço de tropas da Comarca de Curitiba e de Campinas sob o comando do oficial reformado de exército Capitão Francisco Teixeira Nogueira;

Mas o Tte Coronel Bezerra permaneceu por dias em Campinas que se livrou da tropa assalariada para chorar os assassinados, o que enlutou de tal forma a população que familiarizou os dois partidos políticos unindo-os na ocultação de revolucionários.

Caxias vitorioso reuniu sua tropa, para a volta ao Rio de Janeiro, levando revoltosos que eram militares reformados, para julgamento na capital do Império.

Os presos no Rio de Janeiro juntos em uma só prisão, jogavam baralho para passar o tempo quando alertados de que uma comissão estava para chegar trazendo o resultado do julgamento, prepararam-se para ouvi-la. A sentença que foi lida era integral sentença de morte, cuja leitura feita e, terminada, o Capitão Francisco Teixeira Nogueira tomou a palavra e disse ao detentor do baralho: "de cartas".

Estaria ele tão seguro da bondade de Dom Pedro II que, habitualmente comutava a pena de morte?

Entretanto, permanecia o mistério da autoria do massacre; qual a tropa autora desta barbaridade?

Com defesa ineficiente, e com morte de uns e fugas de outros convencidos de uma impossível resistência, fácil foi dominar os revolucionários.

A sede do Engenho da Lagoa, inabitada, morto o proprietário já então duas vezes viuvo, achava-se sob processo de inventário, mas inteira e luxuosamente mobiliada, foi transformada em hospital de sangue.

Eu havia sido o orador ao inaugurar-se o monumento comemorativo da efeméride de Venda Grande. Ela foi promovida pelo Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, ao qual pertencço. Vi-me então em aperto, e como descendente de liberais revolucionários não iria condena-los. Não poderia julgar a autoria do massacre ainda conservado em segredo.

Só me restava a descrição da antiga vida do engenho, de sua montagem, de seu sobrado com moveis, objetos de uso e adorno, guarda-roupas, tudo encontrado em processo de inventário e referências ao casal proprietário do qual a esposa, era em sua época considerada a mulher mais gorda e mais bonita de Campinas. Dos ouvintes ouvi as senhoras em suas críticas que aplaudiram a beleza da proprietária avisando que não me perdoariam se eu a fizesse feia, esquecendo elas que eu escrevia história.

Não poderia eu admitir que a autoria do massacre coubesse à tropa de Caxias. Mas porque o mistério? Porque Ricardo não revelou? porque Augusto Emílio Zaluar, em sua obra "Peregrinação Pela Província de São Paulo" (1860-1861), página 157, referindo-se ao massacre disse: "As legendas desse dia funesto correm no entanto na boca do povo com toda a mágoa de uma tradição fraticida. Não serei eu quem levante a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena. Deixo a outros mais competentes historiar um fato que não deve no entanto ficar no esquecimento, pois terá dupla vantagem de servir de exemplo a uns e de remorso a outros".

Não podia eu admitir que a culpa coubesse à tropa de Caxias. Mas onde a prova? Então tomei a resolução de esclarecer o mistério o que foi fácil:

A convicção religiosa, católica era então absoluta, embora nem sempre bem cumprida. Mas os seus ministros, os padres gozaram de uma especial consideração que chegava ao exagero de não serem criticados até em suas fraquezas, porque, naquilo de sagrado que eles retinham, sempre exigia respeito. A tropa fraticida era a tropa mercenária do Padre Ramalho poderoso chefe político conservador que errou não comparecendo a Campinas onde seus mercenários cometeram outros excessos.

Mas, uma prova robusta foi encontrar o relato de que após o combate, já com a escuridão da noite, o Tte Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, reuniu sua tropa e seus prisioneiros deixando Venda Grande, vindo passar a noite em Campinas.

O choque do extermínio de Venda Grande foi geral e desanimador para os liberais que se sentiram vencidos procurando homiziar-se em locais diversos, dominados pelo Barão de Caxias que penetrou em cidades de poder liberal sem sofrer qualquer mpecilho.

Mas o Visconde de Indaiatuba não se esqueceu dos seus companheiros assassinados em Venda Grande: Tempos passados, voltou ao Engenho da Lagoa, abriu a cova do sepultamento, recolheu seus ossos levando-os para o cemitério de Campinas a fim de que perma necessesem em cemitério bento, nos hábitos cristãos.

.....

Em 1846, o Imperador Dom Pedro II visitava a província; a Campinas chegou a noite de 26 de fevereiro permanecendo até a manhã do dia 30. Quando chegou já trazia assinado e publicado em São Paulo, o decreto concedendo a ordem da Rosa a Antônio Manuel Teixeira, o primeiro campinense a receber distinção honorífica, e ex chefe da revolução de 1842. Depois que partiu, distinguiu com a Ordem de Cristo, o juiz Dr. Francisco de Assis Pupo e o Alferes Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme; e com a Ordem da Rosa, agraciou Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, Joaquim Bonifácio do Amaral (mais tarde Visconde de Indaiatuba) e o Dr. Theodoro Langaard, todos liberais.

(Palestra de Celso Maria de Mello Pupo na Academia Campinense de Letras aos 7 de junho de 1992, sesquicentário do combate de Venda Grande)